

*Para mim, que sempre tive com Deus uma relação complicada, que tanto me zango com Ele, que às vezes sou tão injusto (ou talvez não, pode ser que em algumas ocasiões a razão esteja do meu lado) que me apetece, quando me interrogam acerca da nossa relação, responder como Voltaire*

*(– Cumprimentamo-nos mas não nos falamos) mas este trabalho de Frederico Lourenço fez-me aproximar mais d’Ele e de Cristo*     António Lobo Antunes

# a Bíblia de Frederico Lourenço

**E**ste livro, a tradução da Bíblia por Frederico Lourenço, é um dos mais importantes publicados em Portugal nos últimos muitos anos. Repito: um dos mais importantes publicados em Portugal nos últimos muitos anos. Como leitor tenho de agradecer a Francisco José Viegas que para além de escritor de mérito é uma das figuras fulcrais da nossa Terra no que à literatura diz respeito, quer como difusor dela quer como director de revistas literárias, quer como crítico, quer como editor. Podemos discordar dele: não pode ser-nos indiferente e, coisa muito rara, é intelectualmente honesto. Com a publicação desta Bíblia assina indelevelmente o seu nome no panorama literário português. E agora, se me permitem, vou falar um pouco da obra em apreço.

Eu sou um colecionador e leitor de Bíblias. Devo ter duas dezenas nas línguas em que consigo ler, julgo ter estudado um número razoável de versões do texto sagrado e de comentários a ele, e enche-me de orgulho dizer que não conheço outro trabalho da grandeza deste e da sua altíssima qualidade. Devemos a Frederico Lourenço um texto excepcional, de seriedade e talento imensos. Estou muito à vontade para falar disto porque não conheço o autor, nunca o encontrei, nunca falei com ele, vi, por junto, uma fotografia sua no jornal. Não li os seus romances, não sabia sequer que os tinha escrito, li dois volumes seus de estudos sobre autores gregos que me pareceram sérios e muito bons, apreciei principalmente o que escreveu sobre Eurípedes, um dos meus dilectos

(convém ter imensos dilectos para não ter nenhum)

e a minha amiga Sara Belo Luís ofereceu-me o primeiro e depois o segundo tomo da sua tradução da Bíblia.

A qualidade deste feito é excepcional.

Frederico Lourenço consegue dar-nos a beleza única deste monumento único com uma surpreendente fidelidade e uma capacidade criativa em tudo invulgar. Não encontrei nenhum livro comparável a este, em primeiro lugar no que à escrita diz respeito, transmitindo-nos tanto quanto posso avaliar a sua beleza e qualidade ímpares e acompanhando-as de uma coleção de notas de espantosa elegância, erudição e humildade que honram ainda mais o seu Autor. A orgulhosa modéstia de Frederico Lourenço, o respeito absoluto e a compreensão orgânica do material fazem desta Obra qualquer coisa de único no panorama intelectual português e do homem que a conseguiu uma figura de cumeeira. Nunca tinha, que me lembre, falado assim de um Livro e de um Escritor. Para mim, que sempre tive com Deus uma relação complicada, que tanto me zango com Ele, que às vezes sou tão injusto

(ou talvez não, pode ser que em algumas ocasiões a razão esteja do meu lado)

que me apetece, quando me interrogam acerca da nossa relação, responder como Voltaire

- Cumprimentamo-nos mas não nos falamos

mas este trabalho de Frederico Lourenço fez-me aproximar mais d'Ele e de Cristo, fez-me sentir um orgulho de filho em relação ao Pai e aumentar, no meu espírito, o meu amor por Ele. Eu acho que Frederico Lourenço foi tocado pela Graça e invejo-o por isso, e tenho ciúmes por isso só de imaginar que Deus o prefere a mim, mesmo achando que tem boas razões para tal. Esta Bíblia possui todas as características para perdurar e creio que o autor deste livro português poderá dizer, como Bocage

Isto é meu, isto não morre que, aqui para nós, é o que costumo pensar do que escrevo.



Percebi também que Frederico Lourenço é filho de M.S. Lourenço, que tão pouco conheci mas de quem li alguma coisa. Estava a lembrar-me de uma obra chamada "O guardador de automóveis", encontrada na adolescência, de que ainda sei alguns versos de cor, por exemplo "aceito Deus uno e trino mas não aceito Deus cabeleireiro de senhoras" ou de um outro

que me impressionou muito e continua a impressionar-me: "Porque estais tristes: não me reconheceis?" Peço perdão se cito mal mas é assim que os recordo. Sobretudo este último, que me tem acompanhado ao longo dos anos por razões que não sei ou, antes, creio que sei mas não vou mencioná-las. O importante é esta Bíblia, um grande livro que decerto perdurará muitos, muitos anos na reduzida prateleira da Grande Arte da nossa Literatura, pelo seu rigor, pela sua beleza, pela sua absoluta e luminosa fidelidade. Como português agradeço-lhe do coração.

Como escritor agradeço-lhe do fundo da alma. A Arte não é um desporto de competição a Casa do Pai tem muitas moradas. E sempre achei que a grandeza dos outros aumentava o meu tamanho: muito obrigado por me ter dado alguns centímetros a mais. Agora vejo mais longe. E, além disso, ajudou-me a sentir orgulho no meu trabalho. Isto é meu, isto não morre. Bocage, tradutor do meu querido Ovídio, deve estar cheio de peneiras do Frederico Lourenço.

Por **António Lobo Antunes**. Escritor.

Ilustração Susana Monteiro. Crónica foi publicada na revista *Visão*, nº 1267, 15/06/2017.

[http://visao.sapo.pt/opiniaio/opiniaio\\_antonioloboantunes/2017-06-22-A-Biblia-de-Frederico-Lourenco](http://visao.sapo.pt/opiniaio/opiniaio_antonioloboantunes/2017-06-22-A-Biblia-de-Frederico-Lourenco)

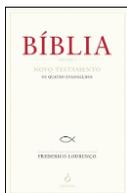
# a Bíblia de Lourenço

**COMO FREDERICO LOURENÇO**, o protestante João Ferreira de Almeida e os padres Pereira de Figueiredo, e Matos Soares também fizeram traduções solitárias da Bíblia

A primeira observação deveria ser uma evidência: uma nova tradução da Bíblia (mesmo se ainda só com os quatro evangelhos) é o acontecimento literário do ano [2016]. A Bíblia, como refere Frederico Lourenço (na apresentação geral da obra a propósito da Bíblia grega, que serve de base a esta tradução) é “um marco da cultura universal que — pelo seu valor religioso, estético e histórico — urge conhecer”.

Seria fastidioso enumerar outros apelos do género, desde Goethe a Bono Vox ou a George Steiner. Só isso deveria bastar para reconhecer a importância de uma nova tradução bíblica. Mas, numa realidade culturalmente deficitária em várias áreas como é a portuguesa, é de temer que isso não se registre em toda a sua grandeza. É uma grande alegria, por isso, que alguém com a erudição e a qualidade reconhecida de Frederico Lourenço se abalance a traduzir a Bíblia.

Esta é uma aventura de um homem só, mesmo se não é a primeira vez que acontece em português: o protestante João Ferreira de Almeida e os padres Pereira de Figueiredo e Matos Soares fizeram traduções solitárias, dando todos eles contributos riquíssimos à língua portuguesa.



João Ferreira de Almeida foi, no século XVII, um caso único: tendo ido de Portugal para o sudeste asiático, empreendeu a tradução da Bíblia, que não chegou a concluir antes de morrer na atual Jacarta, em 1691. Mas deixou uma versão que, depois de completada por outros seguidores, foi já impressa em mais de duas mil edições e perto de duzentos milhões de exemplares, em Portugal e no Brasil — o que faz dele, como diz Herculano Alves na biografia que escreveu, o escritor mais editado em português: as Sociedades Bíblicas continuam a publicar o seu texto, que é a referência para os protestantes lusófonos. Uma das últimas versões da Bíblia de Almeida, como é conhecida, foi publicada há uma década, com texto fixado por José Tolentino Mendonça e ilustrações de Ilda David.

A propósito de Almeida, há duas incorreções de Lourenço: ele não fugiu de Portugal para traduzir a Bíblia — os dados mais seguros que atualmente se conhecem apontam para uma saída do país a que se seguiu uma conversão ao calvinismo, já na Holanda ou nas Índias Orientais; e ainda em vida, em 1681 (dez anos antes de morrer), o tradutor da Bíblia viu publicado o seu Novo Testamento.

Na noção de “a Bíblia mais completa em português” tem jogado a informação divulgada pela editora. E isso é verdade, em parte. Mas desengane-se quem pense que estamos perante alguma nova revelação de matéria que nos foi escondida durante séculos. O cânone bíblico, ao contrário do que a fraca literatura de cordel pretende, foi-se fixando ao longo de séculos e foi matéria de grandes debates. Hoje, grosso modo, subsistem dois grandes cânones.

Se em relação ao Novo Testamento (a parte da Bíblia referente a Jesus), os 27 livros que dele fazem parte são aceites por todos os cristãos pelo menos desde o século XVI, já o mesmo não acontece com o Antigo Testamento cristão (ou Bíblia hebraica), sujeito a diferentes arrumações.

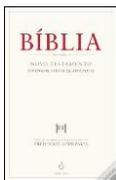
Lourenço propõe-se traduzir um dos mais extensos, o da Septuaginta, ou Bíblia dos Setenta (assim chamado porque teria sido traduzido do hebraico para grego por um conjunto de 72 sábios judeus, em Alexandria do Egito, no século III a.C.). A Septuaginta inclui entre 46 e 53 livros, consoante as edições e organização interna.

O mais normal são os 46 livros do cânone usado pela Igreja Católica e boa parte das Igrejas Ortodoxas. (O protestantismo assumiu como canônicos apenas os 39 livros usados pelos judeus da Palestina, retirando da Bíblia os sete que eram usados pelos judeus da diáspora, chamados deuterocanônicos.)

Em rigor, deveríamos, por isso, falar de outra organização da Septuaginta, pois também nesta há versões diferentes. Por exemplo, os livros de Susana e de Bel e o Dragão, que no plano da tradução de Lourenço aparecem separados, fazem parte do cânone católico e estão traduzidos na edição da Bíblia dos Capuchinhos (são os dois últimos capítulos do livro de Daniel). Já os terceiro e quarto livros de Macabeus são considerados pela tradição cristã como pseudoepígrafas, uma espécie de livros de piedade popular, mais ao nível de textos como o Talmude (comentários de rabinos judeus à Bíblia). E esta diferença — de textos, mas sobretudo de arrumação — deveria aparecer mais clara na introdução.

Há outra falta: nunca se refere, nas introduções, a chamada fonte Q, aquele primeiro texto onde Marcos se teria inspirado para escrever o seu evangelho, e que seria depois também fonte de Mateus e Lucas.

É nas introduções que encontramos, aliás, outras reticências: ao dizer que esta tradução privilegia, na tradução e nos comentários, uma forma “não-doutrinária, não-confessional e não-apologética” de compreender o texto grego, Lourenço está a inferir que uma tradução confessional — ou feita por pessoas ligadas às diferentes confissões — é doutrinária e apologética. Mas o próprio, além de se assumir dentro da tradição cristã (ainda que com reservas para com as instituições) reconhece o valor de traduções como as de Almeida, Figueiredo ou dos padres capuchinhos. E a estas poderia acrescentar-se a tradução da Bíblia de Jerusalém, da Escola Bíblica ligada aos padres dominicanos. Todas elas são traduções confessionais, e todas elas têm dado grandes contributos para a evolução dos estudos bíblicos (e da própria língua, com o caso mais espantoso da King James para o inglês). Pode dizer-se, aliás, que tem sido em grande parte a investigação bíblica a fazer mudar várias formas de as igrejas cristãs pensarem e se organizarem.



Uma última referência em relação à prioridade dada à literalidade: é pena que, em algumas ocasiões, ela não vá mais longe. Apenas um exemplo: em Mateus 1, 18, traduz-se: “O nascimento de Jesus Cristo aconteceu deste modo. Estando sua mãe Maria desposada com José — e antes que eles tivessem consumado o casamento...”; em nota, o tradutor acrescenta que esta última expressão, à letra, se traduziria: “antes que se tivessem juntado”.

De resto, sublinhe-se de novo a importância deste trabalho e a grande beleza de determinadas passagens. E verifique-se que, como escreve Frederico Lourenço sobre Jesus: “Bem vistas as coisas, Ele afinal não morreu. Porque a verdade é esta: tanto crentes como não-crentes andaremos às voltas com Jesus nas nossas cabeças, enquanto houver seres humanos na Terra.”

António Marujo. Jornalista.

<http://expresso.sapo.pt/cultura/2016-10-09-A-Biblia-de-Lourenco> Expresso, (09/10/2016)



# a Bíblia em praça pública

1. Como escreveu, em 2016, o Prof. José Augusto Ramos, o universo cultural, editorial, científico e académico português foi recentemente apresentado com o aparecimento do primeiro volume de uma tradução da Bíblia grega, conceito que nos tem sido estranho, desde há muitos séculos<sup>[i]</sup>. Este ano, nos finais de Março, Frederico Lourenço inundou todas as livrarias com o segundo volume da tradução da Bíblia grega, o Novo Testamento completo, escrito há quase 2000, cujo original é irrecuperável. Esta tradução está baseada no texto fixado por Nestle-Aland<sup>[ii]</sup>.

Para F. Lourenço, a leitura comparativa dos evangelhos canónicos e dos restos que nos chegaram dos apócrifos não deixa qualquer dúvida quanto à imprescindibilidade de Marcos, Mateus, Lucas e João, talvez os livros mais extraordinários da História da Humanidade.

Um padre, espantado com este fenómeno, perguntou-me: mas esse tradutor é padre? Quando lhe respondi que não era padre nem ex-padre, não era católico nem protestante e que neste trabalho prescindia, metodologicamente, de pressupostos religiosos, mostrou-se desconfiado. Aí há gato!

O que há, de facto, é talento, competência e muito trabalho. Convidei esse clérigo apreensivo a ler o currículo do tradutor que vem nas capas de ambos os volumes e acrescentei o meu pressentimento: com esta aparição, Frederico Lourenço e os responsáveis da Quetzal Editores vão alterar o clima cultural da Bíblia, no nosso país. Não esperam canonizações, mas merecem avaliações críticas competentes<sup>[iii]</sup>.

Pensar que o estudo da Bíblia e as suas traduções só merecem confiança, se forem obra de clérigos e de editoras católicas submetidos ao *Imprimatur* episcopal, é supor que a Bíblia é propriedade privada de empresas confessionais. Que os responsáveis das comunidades católicas zelem pela formação bíblica dos seus membros e pelas expressões da fé cristã é o mínimo que se lhes pode pedir. Infelizmente, nem sempre cumprem esta missão.

Ninguém tem o monopólio da Bíblia e só há vantagens em que seja reconhecida e trabalhada como o Livro dos livros, a expressão das raízes judeo-cristãs da civilização ocidental. Há muito a fazer para se tornar parte activa da cultura portuguesa, nas suas diversas expressões. Criticam-se, e com razão, as correntes sociais, políticas e culturais que desejam fechar as religiões nas respectivas sacristias. Mas seria lamentável que as sacristias amuassem ao ver essa literatura religiosa estudada e debatida com toda a liberdade, no espaço público.

Herculano Alves reuniu, numa obra muito útil, os Documentos da Igreja sobre a Bíblia, desde o ano 160 a 2010<sup>[iv]</sup>. No começo deste ano, foi lançado pela *Biblioteca Dominicana* o testemunho incontornável de Marie-Joseph Lagrange, O.P., sobre os tormentos que sofreu do Vaticano e das invejas eclesiásticas organizadas para impedir as inovadoras investigações e publicações científicas da Escola Bíblica de Jerusalém, nos finais do século XIX e nos primeiros 30 anos do século XX<sup>[v]</sup>. Quem comparar a

miséria cultural dessa situação com o documento da Comissão Pontifícia Bíblica, de 15 de Abril de 1993<sup>[vi]</sup>, pode ter a impressão de que não pertencem à mesma Igreja.

Não reconhecer a importância de colocar a Bíblia no espaço público, segundo as exigências culturais do nosso tempo, só pode alimentar a suspeita de que a razão crítica é inimiga da religião, das suas linguagens e das suas práticas.

**2.** O projecto de Frederico Lourenço, assumido pela Quetzal, não se limita a uma nova tradução do Novo Testamento, do qual já existem várias, de diversos estilos, mas à tradução de toda a Bíblia Grega, judaica e cristã. A Bíblia judaica e a Bíblia hebraica não se identificam, como se a grega não fosse, também, judaica. A Grega, designada como *Septuaginta* (LXX), é a primeira tradução da Bíblia<sup>[vii]</sup> e o seu nome designa a tradução da *Torah* hebraica para o grego, realizada em Alexandria durante o reinado de Ptolomeu II (285-246 a.C.).

Segundo a lenda, setenta sábios de Jerusalém, conhecedores do hebraico e do grego, partiram para Alexandria, cidade com grande população judaica, mas onde se falava sobretudo o grego. Cada um tinha o seu quarto particular e a obrigação de traduzir as Escrituras. Começaram todos ao mesmo tempo e terminaram todos ao fim de setenta dias. Ao conferi-las, verificaram que todos tinham traduzido da mesma maneira. Para lenda e milagre não está mal.

A dita versão constituiu um acontecimento cultural sem precedentes e a iniciativa literária mais importante para os anais da civilização. Pela primeira vez, a sabedoria de Israel passava de uma língua semita para outra indo-europeia e, por aí, ao mundo ocidental.

**3.** Quando, séculos mais tarde, a LXX foi adoptada pelas primeiras comunidades cristãs, como a Bíblia oficial, acompanhou a expansão do cristianismo, tanto no Oriente como no Ocidente.

A partir do séc. V d. C., a LXX foi destronada, no Ocidente, pela tradução de S. Jerónimo para latim, denominada a *Vulgata*. Esta versão dominou a cultura ocidental durante a Idade Média. Foi declarada como autêntica, isto é, fiável em matéria de fé e costumes, pelo Concílio de Trento (1546). Na Igreja Ortodoxa, a Bíblia grega manteve-se como Bíblia oficial ou canónica até aos nossos dias.

Outro foi o rumo das traduções da Bíblia na Reforma. Espero que, entre nós, o nome de Lutero tenha deixado de ser considerado um insulto.

[1] Cadmo 25 (2016) 101-113. Cf. também de José Augusto Ramos, *Traduções Portuguesas da Bíblia Transversalidades Linguístico-Culturais em Tarefas de Hoje*, Gaudium Sciendi, Nº 3, Janeiro 2012, pp 124-146

[2] Entre 1898 e 2012 atingiu 28 edições

[3] Cf. José Augusto Ramos (Cadmo 25 (2016) 101-113); Isaías Hipólito (Brotéria 184 (2017) 205-225)

[4] *Documentos da Igreja sobre a Bíblia* (160-2010), Difusora Bíblica, 2011

[5] Marie-Joseph Lagrange, O.P., *Recordações Pessoais. O Padre Lagrange ao serviço da Bíblia*, Biblioteca Dominicana, Coimbra, Tenacitas, 2017

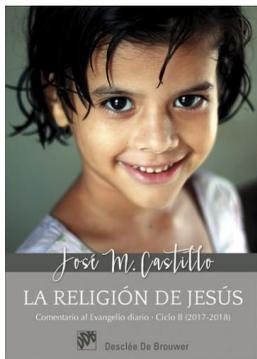
Fr. Bento Domingues O.P.

Público, 09/04/2017

# La religión de Jesús

Comentarios al Evangelio diario Ciclo B (2017-2018)

## Apresentação



PARA PODER LER OS EVANGELHOS de forma a que a sua leitura seja, para nós, motivo de constantes interrogações, dúvidas e inseguranças, a primeira coisa a ter em conta é que eles são uma compilação de narrativas que constituem o que se pode, com propriedade, chamar uma *teologia narrativa*. O que significa - entre outras coisas - que, nos relatos dos evangelhos, o que nos interessa e importa não é a sua “historicidade para nossa informação”, mas a sua “mensagem para a nossa forma de vida”. Estes relatos não foram escritos, sobretudo, para nos informar do que fez e disse Jesus de Nazaré. Os evangelhos foram escritos para que compreendamos a mensagem deixada pela forma de vida de Jesus, a fim de que a nossa vida seja o mais semelhante

possível com a forma de vida escolhida por Jesus. Isto é, o fundamental da *teologia narrativa* dos evangelhos é o “projeto de vida” que eles nos apresentam, numa série de narrativas redigidas em *formas literárias* ou *géneros literários* que já não se costumam utilizar, hoje, como se utilizavam então. Por isso, não tem pés nem cabeça dar cabo do juízo à volta da verdade histórica da existência de Jesus, dos seus milagres e de outros dados deste estilo que nos parecem chocantes. A vida de Jesus interpela-nos de tal modo, que temos medo de aceitar que, aquilo que lemos no Evangelho, nos indica e nos apresenta o “projeto de vida” que Jesus nos propõe e nos exige para encontrarmos a Deus. E para sermos como devemos ser. É aqui que está a chave de tudo quanto se afirma neste livro. O importante e determinante dos evangelhos não é o “Jesus histórico” mas o “Jesus exemplar”, isto é, enquanto exemplo a seguir.

O que de mais eloquente e esclarecedor o leitor vai encontrar neste livro é descobrir que o comentário ao evangelho de cada dia, está em conformidade com o genial texto onde São João da Cruz nos deixou escrito o que Deus diz a cada leitor:

*Se já te transmiti todas as coisas na minha Palavra, que é o meu Filho, e não tenho mais nenhuma, que te posso eu, agora, responder ou revelar para além disso? Põe os olhos apenas nele, porque nele tudo te disse e revelei, e nele encontrarás mais do que pedes e desejas. Porque tu pedes mensagens e revelações parciais, e se puseres nele os olhos, tudo encontrarás na totalidade; porque ele constitui todas as minhas mensagens e respostas, toda a minha visão e revelação. Ele, através do qual eu já vos falei, respondi, me manifestei e revelei dando-o a vós como irmão, companheiro e mestre, paga e prémio. (Subida ao Monte Carmelo, 2, 22).*

Em Jesus, Deus diz-nos, cada dia, tudo o que tem para nos dizer. O problema está em nós que, muito frequentemente, fixamos a nossa atenção e os nossos interesses noutras coisas, que pouco ou nada têm a ver com o Evangelho.